

7º Congresso Latino Americano de Ciência Política

ALACIP

Associação Latino Americana de Ciência Política

25, 26 e 27 de setembro de 2013.

**Bogotá
Colômbia**

O caráter multiplicador das mídias sociais e a natureza potencializadora do engajamento político na era digital.

Phablo Gouvêa¹

¹ *phablogouvea@yahoo.com.br*

O caráter multiplicador das mídias sociais e a natureza potencializadora do engajamento político na era digital.

Resumo

Este artigo busca investigar no desenvolvimento das aplicações de redes orientadas a Internet e sua estreita articulação com Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), princípios básicos de comunicação de dados que se relacionam diretamente com as manifestações políticas atuais. A partir das experiências nas revoluções do norte da África, no final de 2010, com a utilização dos recursos de compartilhamento das mídias sociais, discutiremos a respeito de sua tecnologia de transmissão e alcance.

Trata-se, portanto, de um estudo que pretende contrapor a ressonância das lutas políticas das décadas anteriores, com o ativismo político atual, por meio de uma análise dos investimentos em tecnologia de comunicação de redes, desde a Guerra Fria. Com isso, refletir sobre o caráter multiplicador das mídias sociais e sua natureza potencializadora, sem abdicar das questões políticas e sociais envolvidas. Leva-se em consideração no decorrer da análise proposta, nosso interesse em explorar os investimentos em tecnologia de redes ao longo do desenvolvimento do capital a partir da segunda metade do século XX, e a emergente sociedade em rede que surge através da introdução de recursos técnicos orientados a Internet no cotidiano humano.

Abstract

This article seeks to investigate in the development of Internet-oriented networks applications and its close links with Information and Communication Technologies (ICTs), basic principles of data communication that relate directly with the current political manifestations. From the experiences in the revolutions of North Africa, at the end of 2010, with the use of social media sharing capabilities, we will discuss about their transmission technology and reach.

Therefore, it is a study that aims to counteract the resonance of the political infighting of the past decades, with current political activism, through an analysis of investments in networks communications technology, since the cold war. With this, reflecting on the character multiplier of social media and your eyeshadow, nature without renouncing political issues involved. It takes into account in the course of the analysis proposed, our interest in exploring investment in network technology along the capital's development from the second half of the 20th century, and the emerging network society that arises

through the introduction of Internet-oriented technical resources in human daily life.

Palavras-Chave: Internet, mídias sociais, political manifestations.

Keywords: Internet, social media, manifestações políticas.

Introdução

Os avanços nas aplicações de redes orientadas a Internet e sua estreita articulação com Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm princípios básicos de comunicação de dados que podem contribuir para o entendimento do movimento das manifestações políticas, na rede, das décadas anteriores até as manifestações políticas nos dias atuais.

Na rede mundial de computadores a comunicação descentralizada entre seus usuários é o que distingue basicamente uma rede P2P (peer-to-peer) de um modelo de rede cliente/servidor. Numa conexão de rede P2P, pessoas que constituem uma rede passaram a se comunicar livremente com outros usuários, sem mais uma divisão fixa na comunicação de dados entre clientes e servidores. Desta maneira, o servidor deixou de ser uma figura central na distribuição da informação e cada usuário da rede acabou por realizar funções de servidor e de cliente ao mesmo tempo.

A partir da utilização dos recursos de compartilhamento das mídias sociais nas manifestações políticas dos países de língua árabe, no norte da África, no final de 2010, buscamos elaborar um discurso mais crítico e técnico entre as TICs e a política.

O entendimento dos princípios básicos de comunicação de dados dessa nova forma de articulação em rede, com base na inteligência coletiva, que ocorre através dos canais de compartilhamento das mídias sociais, contribui significativamente para uma compreensão mais ampla de seu caráter multiplicador.

Dessa maneira, buscamos contrapor a ressonância das lutas políticas, na rede, das décadas anteriores, sobretudo a Batalha de Seattle e o Movimento Zapatista de Libertação Nacional no México, nos anos 90, com o ativismo político atual, a partir das manifestações dos países de língua árabe, no norte da África, no final de 2010, com a utilização dos recursos de compartilhamento das mídias sociais, por meio de uma análise dos investimentos em tecnologia de comunicação de redes orientadas a Internet.

Manuel Castells (2009) atribui as alterações nos modelos comunicacionais no final do século XX, a um movimento histórico dos serviços de comunicação da sociedade industrial do século XIX, para um novo modelo comunicacional que, segundo o autor, corroborou no novo paradigma global em rede que, faz desse processo de desenvolvimento uma espécie de reação capitalista e a expressão mais avançada do fenômeno da globalização (CASTELLS, 2002).

Castells entende que a sociedade industrial tinha como modelo comunicacional a comunicação de massas vista nas tecnologias utilizadas pela imprensa gráfica, rádio e TV, por exemplo. Considera que a sociedade em rede tem diante de si um modelo comunicacional de auto-comunicação de massas ou "*mass self-communication*", com mais ou menos rigor, aquilo que é atribuído as tecnologias de compartilhamento de informação do Facebook e Twitter, e Youtube, por exemplo.

Nos debates sobre técnica e globalização, Milton Santos (1996) já havia chamado atenção para a contribuição filosófica que surge da efervescência das inovações tecnológicas de comunicação, ao constatar que a técnica traz consigo algumas modificações menos perceptíveis como a alteração do modo como vemos o mundo, nas formas de representar este conhecimento e na transmissão desta percepção através da linguagem, mas que só agora os homens poderiam contar com essa nova realidade técnica informacional.

No caso do mundo atual, temos a consciência de viver um novo período, mas o novo que mais facilmente apreende-se diz respeito à utilização de formidáveis recursos da técnica e da ciência pelas novas formas do grande capital, apoiado por formas institucionais igualmente novas. Não se pode dizer que a globalização seja, semelhante às ondas anteriores, nem mesmo uma

continuação do que havia antes, exatamente porque as condições de sua realização mudaram radicalmente. (SANTOS, 1994).

Estamos vivenciando a passagem de uma sociedade tradicionalmente ligada aos sistemas de comunicação de massas analógicos dos séculos XVIII, XIX e XX, para uma emergente sociedade digital conectada a um novo mundo globalizado pouco conhecido. Estamos na pré-história desse novo tempo.

Se a sociedade industrial do século XIX utilizava-se da técnica mecânica para criar sistemas analógicos comunicacionais de massa, por sua vez, a sociedade contemporânea utiliza-se de uma série de algoritmos e linguagens criativas, articuladas com dispositivos tecnológicos, capazes de reorganizar, inclusive, a forma como atuamos politicamente.

Em um só ano, os países do norte da África, Oriente Médio e sudoeste asiático como o Egito, Tunísia, Líbia, Irã, Síria, Turquia, Jordânia, Iêmen, Arábia Saudita, Omã, Qatar, Emirados Árabes e Bahrein, foram tomados por movimentos contestatórios.

Outros países como os Estados Unidos e Chile, nas Américas do Norte e Sul, além de Islândia, Espanha, Grécia, Inglaterra e Rússia, na Europa, também presenciaram manifestações políticas em massa, articuladas fora do aparato político partidário e na rede, sem orientação sindicalista ou estatal, sem núcleos estruturantes ou dirigentes específicos, amplamente divulgadas e articuladas através dos recursos de compartilhamento das mídias sociais.

Segundo Castells (1999) as lógicas de ação social e de participação política estão convergindo no formato de rede, permitindo maior distribuição e mobilidade no fluxo da informação. Tais implicações tornaram possíveis aos modelos comunicacionais, orientarem-se por um processo mais dinâmico, rompendo com o modelo hierárquico tradicional da burocracia empresarial ou estatal.

Em geral, o modelo organizacional de atuação coordenada de forma distribuída, descentralizada, solidária e colaborativa das manifestações políticas de nosso tempo, chama atenção para princípios básicos de comunicação de dados entre computadores, próprios das Ciências da Computação, pouco discutido nos debates das Ciências Sociais.

Sem abdicar dos aspectos políticos e sociais envolvidos, pretendemos oferecer uma reflexão mais ampla desses eventos. Trata-se, todavia, de um

discurso que se desenvolve no âmbito global, procurando, por meio de uma passagem, em linhas gerais, sobre as aplicações de redes orientadas a Internet, discutir as potencialidades das mídias sociais, amplamente utilizadas nas manifestações políticas de nosso tempo.

Com isso, buscamos avaliar, por um lado, as possibilidades de desenvolvimento das mesmas; e por outro, relacioná-las a um conjunto de variáveis da rede que permitam identificá-las aos modelos comunicacionais de auto-comunicação de massas e a novas formas de participação política, dentro das regras originais propostas pela atual democracia representativa.

Conexões de redes distribuídas e sua natureza potencializadora

É verdade que as formas embrionárias da Internet existem desde a Guerra Fria, quando o departamento de defesa dos Estados Unidos desenvolveu uma estratégia militar no campo das comunicações, que fosse capaz de responder prontamente a um eventual ataque nuclear da antiga União Soviética.

Durante a guerra, o governo estadunidense através de uma rede de transporte de informações com cabeamentos localizados debaixo da terra, chamada de ARPANET², interligou as bases militares e os departamentos de pesquisas espalhados pelo país a serviço do bloco capitalista. A comunicação ganhou novos sentidos na medida em que foram incorporadas as estratégias de guerra, as aplicações de redes que, na época, permitiram interação rápida e eficácia indestrutível de dados.

A projeção destas aplicações de redes de comunicação ganhou fôlego no final dos anos 70 com a descoberta do TCP/IP (Transmission Control Protocol - Protocolo de Controle de Transmissão, e Internet Protocol - Protocolo de Interconexão), o FTP (File Transfer Protocol – Protocolo de Transferência de Arquivos), que possibilitou executar a transferência de

²Arpanet, acrônimo em inglês de Advanced Research Projects Agency Network do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América. Foi a primeira rede operacional de computadores à base de comutação de pacotes, tornado-se a precursora da Internet como a conhecemos.

arquivos remotamente, do envio de e-mail e da conversação instantânea (Chat) derivado do programa “talk” do Unix.

Andrew S. Tanenbaum (2011), um dos grandes estudiosos das redes de computadores destaca que o número de conexões à ARPANET cresceu rapidamente depois que o TCP/IP foram criados.

O TCP (Transmission Control Protocol — protocolo de controle de transmissão) é um protocolo orientado a conexões confiáveis que permite a entrega sem erros de um fluxo de bytes originário de uma determinada máquina em qualquer computador da inter-rede. Esse protocolo fragmenta o fluxo de bytes de entrada em mensagens discretas e passa cada uma delas para a camada inter-redes. No destino, o processo TCP receptor volta a montar as mensagens recebidas no fluxo de saída (TANENBAUM, 2011).

Basicamente, a rede que sustenta a Internet é elaborada por camadas e protocolos. A função dos protocolos consiste em controlar o fluxo da informação entre cliente e servidor, de um lado para o outro da rede. Em linhas gerais, na Internet, quando um cliente digita um endereço de um site no navegador, o programa busca a página solicitada, interpreta seus comandos de formatação e exibe a página na tela do computador.

Isso acontece da seguinte forma, o navegador desenvolve um comando de busca e pergunta ao DNS (Domain Name System - Sistema de Nomes de Domínios), responsável pela tradução de um nome de domínio em um endereço IP, qual é o endereço IP solicitado. O DNS responde e o navegador estabelece uma conexão TCP, enviando um comando ao servidor, solicitando o arquivo indexado que contém a página. O servidor então envia o arquivo e a conexão TCP é encerrada. Por seguinte, o navegador exibe o conteúdo do arquivo na tela do usuário ou cliente.

De outro modo, o que ocorre basicamente do lado de um servidor Web é uma conexão TCP solicitada por um cliente através do navegador. Estabelecida a conexão, o servidor busca no disco o nome do arquivo solicitado e exibe o conteúdo desse arquivo na tela do usuário, finalizando a conexão.

A evolução dos meios de transmissão de dados e a demanda por novas tecnologias para a criação de redes maiores tornou necessário substituir os

sistemas comunicacionais bilaterais e hierárquicos existentes, por novos sistemas distribuídos, que permitiriam mais eficácia e autonomia na comunicação de dados.

Com a popularização da Internet e a expansão das redes de telefonia fixa, vimos avançar rapidamente esses recursos da rede. A partir do final dos anos 90, novas aplicações orientadas à Internet começaram a surgir.

O Napster, um dos primeiros sistemas de compartilhamento de música, criado em 1999, é um bom exemplo para entender sistemas distribuídos que são conceitualmente aplicados a conexões P2P (peer-to-peer). Sua tecnologia permitiu que os usuários fizessem o download de um arquivo diretamente do computador de um ou mais usuários do programa, conectados a sua rede.

Esse novo tipo de conexão permitia que cada usuário desempenhasse tanto as funções conceituais de um servidor quanto de um cliente, compartilhando suas músicas gravadas no disco e realizando ao mesmo tempo o “download” daquelas guardadas no disco de outros usuários conectados a rede. Desta maneira, o servidor deixou de ser uma figura central no armazenamento e compartilhamento das músicas, e cada usuário conectado ao Napster teria acabado por realizar funções de servidor e de cliente ao mesmo tempo.

De modo geral, esse tipo de aplicação de rede com conexões dividida em pares, permite que cada usuário de uma rede livre torne-se um ponto de interconexão com outros usuários, sem a necessidade da coordenação central de um servidor. Neste tipo de aplicação, cada par de computadores distribuem e recebem dados, diferente das aplicações cliente/servidor existentes, onde normalmente o servidor alimenta os clientes da rede.

A revolução tecnológica dos últimos 40 anos avançou muito mais rapidamente se comparada, por exemplo, com a passagem de quase um século da primeira máquina a vapor da revolução industrial até a descoberta do motor de combustão interna no final do século XIX.

Uma análise crítica e técnica das aplicações de redes confere a Castells o mérito de perceber na Internet o que ele chama de fundamento tecnológico da forma de organização (social) apropriado à era da informação: a rede (2002:9).

Na tradição da pesquisa sociológica, as comunidades eram vistas como fundadas na partilha de certos valores e de uma organização social. As redes são construídas em função das escolhas e das estratégias dos atores sociais, sejam eles indivíduos, famílias ou grupos. A grande mutação da sociabilidade nas sociedades complexas está, portanto, passando por uma mudança na forma do seu principal laço social: as redes estão substituindo as comunidades territoriais (CASTELLS, 2002: p160).

Francisco Rüdger (2003) discute em linhas gerais na direção do que propomos inicialmente. Para ele, a tecnologia ganha forma de potencialização material do imaginário, e mais do que nunca, torna-se necessário uma análise concreta de seu respectivo contexto histórico-social. Segundo o filósofo, esta nos parece ser a tarefa central que vem sendo colocada com o tempo, à reflexão crítica sobre o alcance, o sentido e as tendências da nova cultura tecnológica.

Rüdger acrescenta que o desenvolvimento das tecnologias direcionadas à comunicação de dados na era da informação, está submetido a um movimento indissociável de seu contexto histórico, assim como a atividade imaginária humana.

Na pista destas observações, a contribuição que surge das aplicações de rede com o advento da Internet, abre um espaço de discussão nesse debate para a tentativa de estabelecer um consenso entre o progresso tecnológico e a organização política das massas do final do século XX e início século XXI.

Entre os desafios que nos impõe essa revolução tecnológica é entender, qual o sentido da técnica, como atividade humana imaginária que serviu ao desenvolvimento do capitalismo, ter se transformado em mecanismo de propagação de vozes contra o próprio sistema que a requisitou, originando conflitos de grandes proporções entre Estados e sociedades?

Essa contradição aponta para a necessidade de uma reflexão sobre os conflitos que teremos diante de um mundo, que já ultrapassou a marca de sete bilhões de pessoas. Que implicações para a democracia podem ocorrer quando questões complexas como o desemprego, a fome e os antagonismos sociais avançam da mesma maneira que as formas tradicionais de sociabilidade e de se fazer política se modificam com esta revolução tecnológica?

O caráter multiplicador das mídias sociais

Os princípios básicos da comunicação de dados presente nas aplicações de redes orientadas a Internet, fornecem uma visão mais ampla desses acontecimentos e apontam para a direção que caminha nossa sociedade. Contribuem também para discussões sobre a interferência que as mídias sociais exercem na vida da militância e nas mudanças de paradigmas políticos comunicacionais a partir das experiências das revoluções do norte da África, no final de 2010.

Como exemplo, em São Paulo, em maio de 2011, “O churrasco da gente diferenciada” mobilizou pessoas em frente ao shopping Higienópolis, zona central da capital paulista, em protesto contra a desistência do governo do Estado de construir uma estação de metrô na Avenida Angélica, a principal do bairro. As pessoas se articularam através de um evento organizado no Facebook.

Se sua natureza potencializadora permite, por um lado, convocar multidões para as manifestações políticas de nosso tempo, por outro, sua tecnologia multiplicadora atribuída a ressonância e velocidade na comunicação desses eventos, também enfrentaram a natureza disciplinar do Estado.

Como exemplo, temos a ordem para bloquear o acesso a Internet, em janeiro de 2011, durante os protestos que levaram a renúncia do presidente Mubarak³, que governava o Egito há cinco décadas. O governo tinha como justificativa conter a multidão que se organizava através de suas redes de relacionamento.

Em Londres, o primeiro-ministro James Cameron restringiu o uso do Blackberry, Messenger, Twitter e Facebook durante os tumultos que ocorriam contra o abuso de poder da polícia britânica, em agosto de 2011. As incidências de várias manifestações políticas em 2011 fizeram surgir ondas de restrição e marcos regulatórios da Internet que se espalharam pelo mundo.

Em dezembro de 2011, na Rússia⁴, as eleições parlamentares foram alvo de protestos convocados nas redes sociais devido a suspeitas de manipulação dos resultados. Os russos não protestavam nas ruas desde os

³ Disponível em <http://www.bbc.co.uk/blogs/blogcollegeofjournalism/posts/how_egyptians_worked_round_the>

⁴ Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/lei-que-permite-censura-a-web-e-aprovada-na-russia/>>

anos 90 e como resposta, o governo, divulgou na época, propostas de leis restritivas para o uso da internet para 2012, como já ocorre em outros países. No Brasil, tramita no Congresso Nacional o Marco Civil da Internet.

Chama atenção neste debate, a crise generaliza das instituições das sociedades disciplinares vistas em Michel Foucault (1978), que deram lugar à sociedade de controle, analisada por Deleuze (1992). Destacam-se as sociedades disciplinares dos séculos XVIII e XIX que tiveram seu auge até a metade do século XX.

Para Foucault (1991), a sociedade disciplinar do século XVII e XVIII, utilizou-se da vigilância nas prisões para fabricar corpos submissos, por meio da sujeição de indivíduos que sabiam que eram vigiados. Nos termos de Foucault, este tipo de poder denominado de microfísico era exercido continuamente através da observação.

Ao retomar o debate iniciado por Foucault, Deleuze considera que depois da segunda guerra mundial, as sociedades disciplinares deram lugar às sociedades de controle que utilizam tecnologias, próprias das sociedades contemporâneas, a partir da segunda metade do século XX, para o controle social de suas populações.

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. É uma mutação já bem conhecida que pode ser resumida assim: o capitalismo do século XIX é de concentração, para a produção, e de propriedade (DELEUZE, 2012).

De maneira semelhante, para Michael Hardt e Antonio Negri (2004) a sociedade disciplinar é aquela em que o comando social é construído mediante uma rede difusa de dispositivos ou aparelhos que produzem e regulam

costumes, hábitos e práticas produtivas (HARDT, NEGRI, 2004).

É possível conferir a tecnologia neutralidade em relação ao capital ou ela tem em si, uma pré-disposição natural de se colocar a serviço do capitalismo?

Pierrri Lévy (1993) confere a ela sua importância como um dos principais agentes de transformação das sociedades atuais. Por suas diferentes formas e as implicações que elas exercem sobre o cotidiano humano, o autor considera que a tecnologia, deve ser analisada como um elemento que tem a sua disposição um interesse mais amplo a ser investigado.

Apesar das mudanças nas formas de representação política e da ascensão das TICs, a democracia representativa nos dias atuais se revela dentro dos campos de dominação da nova ordem capitalista global e se firma como instrumento de educação política e renovação de suas elites.

Segundo a IAB (Interactive Advertising Bureau)⁵ no Brasil, desde 2010, em todos os países desenvolvidos onde a Internet atingiu a marca de 40% de penetração publicitária, os anunciantes aderiram à plataforma online de comunicação.

De acordo com levantamento da comScore⁶, 46,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos de idade, acessaram a Internet pelo computador de casa ou do trabalho em 2011. Isso equivale a um crescimento de 16% em relação aos acessos na rede mundial de computadores, em 2010, evidenciando seu incrível potencial de expansão.

Uma pesquisa divulgada recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2005 e 2011, revelou que a população de 10 anos ou mais de idade, no Brasil, cresceu 9,7%, enquanto isso o número de pessoas nessa faixa etária que utilizam a internet aumentou 143,8% e o das que tinham telefone móvel celular, para uso pessoal, cresceu 107,2%. A pesquisa também revela que em 2011, cerca de metade dos 93,5 milhões de trabalhadores brasileiros (49,9% ou 46,7 milhões) utilizaram a internet. Em 2005, esse percentual era de 22,8% (19,8 milhões).

Um dado interessante da amostra é que em 2011, o levantamento identificou que nos domicílios brasileiros que possuem um computador pessoal, 78,7% acessavam a rede, enquanto 21,3% não tinham conexão com a internet.

⁵ Disponível em <<http://www.iabbrasil.org.br/indicadores/Indicadores-de-Mercado-IAB-Brasil.pdf>>

⁶ Disponível em <<http://www.comscore.com>>

A conectividade entre os estudantes de 10 anos ou mais de idade, que estudavam em escola pública e tinham acesso à internet, passou de 24,1% para 65,8% em sete anos. A pesquisa revela que no Brasil, o percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade que tinham celular para uso pessoal passou de 36,6%, algo em torno de 55,7 milhões em 2005, para 69,1%, equivalente a 115,4 milhões de pessoas em 2011.

Os dados confirmam o crescimento da rede, na medida em que avançam as redes de telefonia móvel, o consumo de computadores pessoais e dispositivos móveis, sobretudo de “smartphones”. O que não significa que alcançamos um alto padrão na qualidade da conexão em relação aos países desenvolvidos.

Um estudo divulgado pelo IBOPE Media releva que 134 milhões de pessoas, com mais de 10 anos, têm um telefone móvel. Destas, 52 milhões têm acesso à internet pelo celular. A pesquisa revela que no Brasil a quantidade de “smartphones” conectados à internet é de aproximadamente 20 milhões num universo de 134 milhões de aparelhos celulares adquiridos nos últimos anos.

Estes apontamentos nos permite compreender, grosso modo, o efeito decorrente da aquisição destes aparelhos e da conectividade na vida das pessoas, sobretudo quando relacionamos seu uso no interior das manifestações políticas na rede.

Diante disso, grandes empresas do ramo como a Microsoft, Apple, Google, Facebook e o Twitter, por exemplo, movimentam investimentos financeiros bilionários, com escritórios montados em diversos lugares do mundo, para oferecer a este mercado em ascensão, tecnologias distribuídas capazes de potencializar os efeitos da comunicação e da informação que não víamos no interior das manifestações políticas das décadas anteriores.

Em parceria com a comScore, o Interactive Advertising Bureau (IAB Brasil), divulgou também uma pesquisa com 2.075 pessoas usuárias de Internet, entre 15 e 55 anos de idade. O estudo revela que o desktop é a interface mais utilizada de conexão com a rede, responsável por 77% do número de usuários que acessaram a Internet, seguido pelo notebook ou laptop (59%), “smartphone” (40%), “tablets” (16%), “iPad” (15%), console de videogame (12%), “iPod” (10%) e outros dispositivos (2%).

Por outro lado, Eric Schmidt, CEO do Google, lamenta que pouco mais de 2 bilhões de pessoas no mundo (menos de um terço da população mundial) têm acesso à internet. O executivo do site considera que “a World Wide Web ainda tem de fazer jus ao seu nome” (...) e que “a tecnologia não produz milagres, mas a conectividade, mesmo em quantidades modestas, muda vidas⁷”.

Adepto do conceito filosófico de que todo o tráfego na rede deve ser tratado igualmente, de forma democrática, tendo como princípio a transmissão de dados sem discriminação, Tim Berners-Lee, considera que a disseminação de mídias sociais como o Facebook e o MySpace, são boas referências⁸ para o entendimento crescente das possibilidades existentes na web para o *ciberespaço*⁹.

No interior das crises de representatividade que abalam o capitalismo global, a proliferação de sistemas de comunicação distribuídos sinaliza para uma reflexão sobre os paradoxos originais dessa realidade, visto na construção de uma nova plataforma global digital, com menos de um terço da população mundial, onde mais pessoas conectadas são fundamentais para o seu desenvolvimento.

Torna-se necessário buscar novas alternativas e construir novos caminhos. Para tratar a respeito das manifestações políticas contra o sistema capitalista ou em favor de uma democracia mais ampla, Michael Hardt e Antonio Negri (2005) rediscutem a dicotomia proletária e burguesa encontrada na teoria marxiana, que segundo os autores, não dão conta de complexidades envolvendo novos grupos representantes. Passaram a se referir ao conjunto das nomenclaturas revolucionárias de nosso tempo pelo termo *multidão*.

A multidão embora se mantenha múltipla e internamente diferente, é capaz de agir em comum, e, portanto de se governar. Em vez de ser um corpo político com uma parte que comanda e outras que obedecem, a multidão é carne viva que governa a si mesma. (HARDT, NEGRI, 2005)

⁷ Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/internet/2012/06/20/eric-schmidt-do-google-internet-ainda-esta-longe-de-serpara-todos/>

⁸ Disponível em <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/7299875.stm>>

⁹ Pierre Lévy (1999) define como *ciberespaço* o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Com mais ou menos rigor, o conceito filosófico apresentado pelos autores para a palavra multidão alinha-se, de maneira geral, com a tecnologia multiplicadora das mídias sociais que apresentamos anteriormente. Se “a ação política voltada para a transformação e a libertação só pode ser conduzida hoje com base na multidão” (HARDT, NEGRI, 2005: 139) e realizada através da ideia de uma enorme força potencial de diversas pessoas conectadas a Internet que se orientam descentralizadamente, torna-se necessário aprofundar nossos estudos, num olhar mais crítico para o movimento das aplicações de redes orientadas a Internet e as possibilidades ainda desconhecidas no interior desse processo para a política.

Redes de contestação

Tendo o mercado digital convergindo para estas novas formas de interação social por meio de aplicações de redes distribuídas e tecnologias digitais, “smartphones” e “tablets”, tornaram-se uma alternativa aos microcomputadores domésticos. Destes surgiram novos aplicativos em série, capazes de compartilhar fotos, áudio e as experiências pessoais dos sujeitos, trazendo em seu bojo uma sensação de liberdade causada pela interferência que essas novas tecnologias exercem sobre o cotidiano das pessoas e também para a política.

Michael Löwy (2009) considera que o princípio fundamental das revoluções que existiram nos séculos XIX e XX, consistia na derrubada de uma antiga ordem, que após ter abalado fortemente o conjunto de suas sociedades, deu início a uma nova ordem, mesmo que esta ainda não estivesse consolidada e sendo lentamente construída.

A este respeito, no final dos anos 90, no México, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) inaugurou a utilização da Internet em seu esforço de organizar por e-mail os movimentos contra o neoliberalismo, deslocando as formas tradicionais de ativismo político vistas nas ruas, e que continuam nas ruas, para coexistir com elas no plano da Internet.

Da mesma forma, a Batalha de Seattle, em março de 1999, nos Estados Unidos, durante a cúpula da Organização Mundial do Comércio (OMC) sobre

as transações econômicas globais, reuniu diversos manifestantes indignados em torno de um projeto chamado de Indymidia¹⁰. Os ativistas alegavam que a depauperação acelerada dos recursos e do desequilíbrio do planeta não passava de uma conjugação de políticas de interesses particulares e a mídia televisiva não transmitia a real gravidade do problema. Dessa maneira, para tornar compreensíveis as razões dos protestos e oferecer com clareza um formato da cobertura das manifestações que não se via nos canais de televisão da época, criaram um website colaborativo. O projeto Indymidia previa a exibição de relatos verídicos, imagens, entrevistas e comentários de manifestantes, beneficiando-se dos recursos de comunicação livre, originais da Internet. Entretanto, todos esses recursos envolvem somente interações entre uma pessoa e um banco de dados remotamente. Uma conexão fixa entre cliente e servidores.

Ao contrário disso, recentemente na Islândia¹¹, a proposta de uma nova constituição, com contribuições das mídias sociais, ganhou fôlego quando o país foi afetado pela crise financeira global e assistiu ao colapso de seu sistema bancário. O documento de 700 páginas extraído dos textos indicados no Facebook¹², Twitter ou no site do conselho constitucional¹³, levantou o debate sobre o fenômeno do “*crowdsourcing*,” mais conhecido no Brasil como o uso das habilidades individuais para geração de uma produção coletiva através da Internet.

Estas considerações reforçam o papel das TICs, evidenciando a enorme capacidade das mídias sociais de movimentar multidões em conformidade com novas possibilidades de participação na vida pública, que não se via nas experiências ocorridas com a rede, na Batalha de Seattle e no Movimento Zapatista de Libertação Nacional no México.

Sobre vários aspectos não se via manifestações em massa, como as que ocorreram em 2011, desde a Comuna de Paris, em 1871. Um deles é a simultaneidade de protestos ocorridos em diferentes continentes. Em um só ano, os países do norte da África, Oriente Médio e sudoeste asiático como o

¹⁰ Disponível em Disponível em <http://seattle.indymedia.org/about-us>

¹¹ Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110729_islandia_constituicao_internet_rw.shtml

¹² Disponível em <https://www.facebook.com/Stjornlagarad>

¹³ Disponível em <http://stjornlagarad.is/>

Egito, Tunísia, Líbia, Irã, Síria, Turquia, Jordânia, Iêmen, Arábia Saudita, Omã, Qatar, Emirados Árabes e Bahrein, e outros como os Estados Unidos e Chile, nas Américas do Norte e Sul, além de Islândia, Espanha, Grécia, Inglaterra e Rússia, na Europa, foram tomados por movimentos contestatórios. Com ressalvas no Chile, em que o movimento estudantil e os sindicatos estavam ligados aos protestos em Santiago, as demais ondas revolucionárias de 2011, desdobraram-se de forma horizontal. Sem núcleos estruturantes ou dirigentes específicos, as manifestações eclodiram uma após outra, com atuação coordenada de forma descentralizada, solidária e colaborativa, fora do aparato político partidário, sindicalista ou estatal.

Como exemplo, o movimento Occupy Wall Street, que tem entre suas principais bandeiras, a crítica originalmente progressista da desigualdade social econômica, ocupando praças e ruas das cidades. Soma-se a corrente de protestos do Occupy nos Estados Unidos, o aumento das taxas de desempregados que por seguinte, fragilizaram o mercado americano. Os EUA tiveram diminuída sua capacidade de arrecadação, adotando cortes nos investimentos de longo prazo e nas políticas sociais, provocando a insurreição das populações mais afetadas, que colaborou para uma convocação internacional através de “Fan Pages” no Facebook e perfis no Twitter, para que as manifestações políticas tomem as ruas.

Em maio de 2011, na Puerta Del Sol, em Madrid, os espanhóis indignados foram às ruas protestar por uma mudança na política. Na Espanha a crise afetou o país com 21% de desemprego entre os adultos e 45% das taxas de desemprego entre os jovens. Segundo a OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos), a Espanha precisará de aproximadamente 15 anos para recuperar o nível de emprego que tinha em 2007. Conseqüentemente surgiram medidas de restrição nos investimentos e cortes nos serviços públicos de saúde, educação e cultura, entre outros.

Em contrapartida a sociedade espanhola se organizou entorno de um movimento conhecido internacionalmente nas redes sociais como “M-15 ou os Indignados da Espanha”, sob uma plataforma independente chamada “Democracia Real Ya”. De acordo com a Internet World Stats¹⁴, o país tem um

¹⁴ Disponível em < <http://www.internetworldstats.com/>>

mercado em expansão com alta penetração da telefonia móvel. Até dezembro de 2011, eram 30.654.678 milhões de pessoas conectadas a Internet. Em março de 2011, antes do início dos movimentos que tomaram às ruas, do total de acessos a rede, 15.950.740 milhões são usuários do Facebook. Isso representa uma taxa de penetração de 34,1% na rede.

Os manifestantes acusavam a classe política espanhola, sobretudo o governo do PP (Partido Popular), na época e o anterior, PSOE (Partido Socialista e Operário Espanhol), de atenderem os interesses de bancos e as grandes corporações em detrimento da igualdade e justiça social¹⁵. Em um trecho do manifesto lançado em maio de 2011, os indignados da Espanha reclamavam que “existem direitos básicos que deveriam ser assegurados nestas sociedades: direito à moradia, ao trabalho, à cultura, à saúde, à educação, à participação política, ao livre desenvolvimento pessoal, e direito ao consumo dos bens necessário para uma vida sã e feliz”.

Os cortes nas políticas sociais tomaram os espanhóis de um profundo descontentamento com o sistema político no país. Alguns meses antes, movimentos menores que antecederam o M-15, como as manifestações políticas contra a Lei Sinde que pune a pirataria na Internet, já chamava atenção de ativistas na rede para a necessidade de organização de uma resistência as medidas adotadas pelo governo Espanhol.

Em contrapartida esses grupos se reuniram entorno de um movimento chamado “No Le Votes¹⁶”, amplamente divulgado nas mídias sociais, para protestar contra o sistema eleitoral e a alternância de seus principais partidos políticos que para alcançar seus interesses particulares, sufocam a participação popular e não refletem a diversidade ideológica da sociedade espanhola.

Neste contexto, os espanhóis foram às ruas requererem um novo poder constituinte, que legitime a participação popular. Como justificativa, argumentaram que os três poderes tradicionais representativos não corresponderiam mais às suas funções originais, na medida em que o povo não se reconhecia inserido no processo democrático do país. Por acreditarem que a classe política via seus interesses acima do interesse público, os

¹⁵ Disponível em <<http://www.spiegel.de/international/europe/tahrir-square-in-madrid-spain-s-lost-generation-finds-its-voice-a-763581.html>>

¹⁶ Disponível em <<http://www.nolessvotes.com/>>

indignados do M-15 consideram o sistema representativo espanhol ultrapassado.

De maneira semelhante, os gregos se reuniram nas praças de Atenas e Tessalônica contra as medidas de austeridade do governo. Depois de afetar a Islândia e os Estados Unidos, a crise financeira internacional repercutiu nas bolsas de valores da Europa, atingindo diversos países da zona do euro com grande número de desempregados, déficit da balança comercial e recessão econômica.

Consideram-se ainda os milhões de povos de língua árabe que a partir da revolução, que buscou por fim a décadas de regimes ditatoriais na Tunísia no final de 2010, influenciaram o Egito, Líbia, Síria e Iêmen, contra seus Estados e governos antidemocráticos.

No entanto, a pobreza, o desemprego, a desigualdade social, as violações de direitos humanos e as restrições a liberdade de expressão serviram de pano de fundo para as manifestações na Tunísia. O estopim da crise que se desdobrou na revolução e se espalhou pelos países do norte da África e do Oriente Médio, aconteceu com o suicídio de Mohamed Bouazizi, um jovem pobre de 26 anos, vendedor ambulante de frutas na cidade de Sidi Bouzid.

O rapaz que ganhava \$ 5 dólares por dia, não conseguia uma licença do governo para trabalhar na rua e foi por anos, assediado por autoridades de seu país a pagar subornos, por vezes maiores que o resultado de um dia de trabalho. Impossibilitado de continuar pagando propinas aos fiscais, o jovem teve sua mercadoria confiscada e frustrado ateou fogo ao próprio corpo. A ressonância do suicídio de Mohamed desencadeou uma série de protestos pela Tunísia que somados ao abuso dos preços de alimentos, as altas taxas de desemprego, as más condições de vida da população tunisiana e a corrupção no governo, eclodiram na revolução do mundo árabe amplamente repercutido nas mídias sociais¹⁷.

Segundo informações publicadas no site Internet World Stats, em dezembro de 2011, o número de pessoas conectadas a Internet na Tunísia ultrapassou a marca de 3.856.984 milhões de pessoas. Do total de conectados

¹⁷ Disponível em < <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/20/tunisian-fruit-seller-mohammed-bouazizi>>

no país, 2.799.260 milhões são assinantes do Facebook, que corresponde a uma taxa de penetração de 26,3% dos acessos a rede mundial de computadores. Quando comparado ao total de 3,6% de usuários com acesso a rede social em todo o continente africano, a Tunísia representou o maior indicador de aderência.

Considerações finais

Apesar de sermos um terço de conectados no mundo, somos a primeira geração de pessoas com acesso a Internet na história, a experimentar em movimento através do uso de dispositivos móveis, salvo em raras exceções, uma conexão direta com várias pessoas simultaneamente em estado de movimento, em qualquer lugar do planeta.

Se havíamos experimentado movimentar informações e dinheiro pela Internet nos anos 90, agora somos capazes de movimentar pessoas.

Sobre o aspecto comunicacional, não se via, desde a Comuna de Paris, em 1871, coberturas midiáticas de manifestações políticas tão bem exploradas como as que ocorreram nos países de língua árabe, no norte da África, no final de 2010, através dos recursos de compartilhamento das mídias sociais.

A utilização das TICs nas manifestações políticas atuais vem reclamando o entendimento dos princípios básicos de comunicação de redes orientadas a Internet, que podem esclarecer dúvidas e fomentar novas reflexões sobre a forma como nos articulamos politicamente na contemporaneidade.

Atribuímos ao modelo comunicacional de auto-comunicação de massas, abordado por Castells ao longo deste trabalho, a um movimento histórico do progresso das aplicações de redes orientadas a Internet e sua estreita articulação com dispositivos tecnológicos, que tem origem com a ARPANET na Guerra Fria.

A evolução das conexões cliente/servidor na direção de conexões mais dinâmicas e descentralizadas, como as conexões P2P, promoveu uma revolução na forma como nos comunicamos na rede. Os servidores deixaram de ser uma figura central na distribuição da informação com o aumento das

inter-redes e a partir do crescimento de usuários conectados, tornou-se necessário o desenvolvimento de tecnologias que fossem capazes de conter o fluxo de informações que estavam sendo solicitadas ao disco.

Tais implicações favoreceram a elaboração de tecnologias que permitiram a descentralização e troca de dados entre os usuários que já estavam conectados aos seus servidores.

Estas considerações nos permitiram compreender melhor a totalidade do movimento das lutas políticas em seus aspectos técnicos e gerais, ao atrair para o debate subsídios teóricos emprestados da Ciência da Computação e da Comunicação Social, contribuindo para os debates sobre as manifestações políticas da contemporaneidade.

Referências bibliográficas

ARAUJO, R. A. P.; BURGOS, M; PENTEADO, C. L. C. *Sociedade Civil Organizada e Novas Tecnologias de Comunicação e Informação: ação cidadã e implementação de políticas públicas na cidade de São Paulo*. In: 35º Encontro Anual da ANPOCS, 2010, Caxambu. 35º Encontro Anual da ANPOCS, 2011. Disponível em:

<http://www.anpocs.org.br/portal/index.php?option=com_wrapper&Itemid=94>

CARDOSO, Gustavo. *Mudança social em rede*. In Centro Ruth Cardoso (org.), *Políticas sociais ideias e práticas*, (Online), São Paulo, Moderna LTDA, pp. 219-258, 2011.

_____. *Da Comunicação em Massa à Comunicação em Rede: Modelos Comunicacionais e a Sociedade de Informação*. In Portal de Comunicação. ISSN 2014-0576. Disponível em:

<http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/51_por.pdf>.

CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. Oxford - New York, Oxford University Press, 2009. ISBN 978-0-19-956704-1. Disponível em: <<http://www.ufabcdigital.blog.br/wp-content/uploads/2012/02/Castells-Manuel-Communication-Power-2009.pdf>>.

_____. *A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- _____. *Fim de milênio*. Vol. III. 3ª Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- _____. *O poder da identidade*. Vol. II. 3ª Ed. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- COMER, Douglas E. *Redes de Computadores e Internet - 4ª Ed.* Editora: Bookman, 2007.
- DELEUZE, G. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FOUCAULT, M. *A sociedade disciplinar em crise (1978)*. In: *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 268
- _____. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2008.
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HEIDEGGER, M. *A questão da técnica*. In *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e outros, Petrópolis, Vozes, 2002.
- KUROSE, J., ROSS, K., *Redes de Computadores e a Internet – Uma abordagem top down*, 3ª. Ed., São Paulo, Addison Wesley, 2005.
- LEMOIS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 1ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. *Inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LÖWY, Michael (org). *Revoluções*. São Paulo: Editora Boi Tempo, 2009.
- RÜDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da ciberculturas*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-internacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Org.) Nelson Pretto (Org.) *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- TANENBAUM, Andrew S. *Redes de Computadores*. 5ª Edição. Campus, 1997.